

INTRODUÇÃO

Sendo a Academia Militar, uma Instituição de Ensino Superior Militar ciosa das suas tradições seculares, faz com que o Patrono do Curso, tenha uma importância extraordinária para os alunos que acabam de ingressar no primeiro ano, uma vez que presta homenagem e retrata de forma expressiva, quem no passado foi *primus inter pares* pelos seus feitos em prol da Nação, sendo a personagem que certamente perdurará até ao fim das suas carreiras militares como «*vínculo indelével e catalizador de coesão e camaradagem*»¹.

O Marechal de Campo António Teixeira Rebelo foi um homem notável, que viveu toda a sua vida com um único objectivo: servir o Exército Português e o seu país. Foi um militar exímio e um homem de eleição, inspirado por nobres ideais de altruísmo e amor pátrio, competentíssimo no saber e vocacionalmente dotado para o ensino.

Para compreender o papel determinante que Teixeira Rebelo teve na sociedade e no Exército, é de suma importância que o enquadremos na época em que viveu, descrevendo o ambiente nacional e internacional que Portugal enfrentava nos meados do século XVIII e início do século XIX, realçando os factos mais significativos que marcaram e modificaram Portugal.

A sua vida e obra constituem, por si só, uma verdadeira exortação aos Cadetes do Exército e da Guarda Nacional Republicana, do curso de entrada na Academia Militar do ano lectivo de 2007/2008.

¹ VALENÇA PINTO, General Luís Vasco, in «50 Anos de Patronos da Escola do Exército e da Academia Militar».

O CIDADÃO, O MILITAR DISTINTO E O HOMEM DE ESTADO

António Teixeira Rebelo nasceu a 17 de Dezembro de 1748² numa aldeia transmontana, Silhão de seu nome, pertencente à freguesia de Cumieira do Concelho de Santa Marta de Penaguião. Filho de modestos lavradores, António Teixeira Rebelo manifestou, desde muito novo, uma decidida vocação e interesse pelos estudos, de que o pároco da freguesia foi o seu primeiro orientador. Furtando-se à companhia das restantes crianças da aldeia, que não tinham escola onde aprender, ele preferia a leitura de livros, onde aprendia os grandes quadros da heroicidade Portuguesa, mercê dos quais sentia em si ateadada a chama do patriotismo, tão necessária numa época conturbada e onde os rumores de guerra próxima se iam manifestando.

Este período da infância de Teixeira Rebelo, corresponde porém a uma época de grande riqueza para Portugal, riqueza essa que resultava do comércio com o Brasil de onde chegava o ouro, o tabaco, o açúcar, e da exportação de sal e vinho do porto a partir da metrópole. A época de D. João V caracteriza-se também, pela inexistência de quadros empresariais e pela falta de gente preparada para gerir tanta riqueza conseguida³. É o tempo das grandes obras e dos gigantescos edifícios, dos quais se destacam o Aqueduto das Águas Livres⁴, a Torre dos Clérigos e o maravilhoso Convento de Mafra⁵, a obra mais emblemática de D. João V.

Em 1750, andava Teixeira Rebelo pelos dois anos, morre D. João V e D. José, seu sucessor, sobe ao poder. A situação em Portugal é agora um pouco diferente, uma vez que há um decréscimo das finanças públicas, como consequência da descida dos rendimentos vindos do Brasil. É nesta altura, que D. José I dá plenos poderes a Sebastião José Carvalho e Melo⁶ para todos os assuntos relacionados com a política. Tal decisão é na altura muito contestada por parte da Velha Nobreza⁷.

A 1 de Novembro de 1755 acontece o terrível terramoto que destruiu Lisboa. Esta catástrofe deu ao Ministro a oportunidade de mostrar a sua ténpera, ao procurar rapidamente a reconstrução de uma nova capital⁸. Aliado a este espírito renovador, o Marquês de Pombal

² Curiosamente, não se encontram registos do nascimento de Teixeira Rebelo no arquivo distrital de Vila Real. Tal falta, dever-se-á provavelmente ao facto de existir uma lacuna de cerca de 50 anos na documentação referente à freguesia, a que pertencia o lugar de Silhão.

³ SARAIVA, José Hermano in «História concisa de Portugal», p. 239.

⁴ Esta obra iniciou-se no ano de 1731 e culminou em 1748.

⁵ Esta obra iniciou-se no ano de 1717 e culminou em 1750.

⁶ Em 1759, D. José I promovia-o à condição de Alta Nobreza, com a atribuição do título de Conde de Oeiras e em 1755 nomeava-o Marquês de Pombal.

⁷ O termo «Velha Nobreza», refere-se à parte da Nobreza mais conservadora.

⁸ O projecto da cidade nova data de 12 de Junho de 1758.

promove também a reorganização de todas as estruturas relacionadas com o Estado, com particular relevância para o Exército⁹.

O contexto internacional não se apresentava pacífico e, de facto, em 1756 eclode a que ficou conhecida como Guerra dos Sete Anos¹⁰, onde Portugal acabou por se envolver no último ano da Campanha (1762-1763). A reestruturação recentemente adoptada pelo Conde de Lippe foi determinante no modo de actuação das Forças Portuguesas em combate.

É por esta altura que Teixeira Rebelo, com quase 14 anos, ouve dizer que, em Valença do Minho, tinha acabado de se constituir um novo Regimento de Artilharia, integrado no plano de defesa nacional que as circunstâncias da época impunham. Acendeu-se desde logo no seu coração o desejo de estudar e aprender para melhor servir a sua Pátria. Dá conta do seu entusiasmo aos pais, e deles consegue anuência para partir a alistar-se no Regimento de Artilharia de Valença¹¹. Dias depois, o Regimento passava a contar nas suas fileiras, com mais um soldado: um jovem de nome António e que tinha por apelidos Teixeira Rebelo. O quartel em questão era então comandado por um escocês, de nome James Ferrier, e nele prestavam serviço, muitos estrangeiros contratados¹². Aqui, Teixeira Rebelo teve oportunidade de se cruzar com figuras ilustres, das quais se destacavam o notável matemático Português, José Anastácio da Cunha¹³.

Animado pela enorme vontade e pela confiança que tinha em si próprio, o jovem soldado frequenta no Regimento as aulas de Matemática, Fortificação, Tática de Artilharia e Desenho, que funcionavam segundo o plano de ensino para militares recém elaborado pelo Conde de Lippe. Logo aí foi notória a aplicação de Teixeira Rebelo nos estudos, o que o distinguia dos demais camaradas, ao mesmo tempo que ia conquistando sucessivos prémios e louvores.

Por esta altura, os estudos superiores em Portugal estavam ainda particularmente atrasados, na medida em que se ignoravam todos os movimentos de renovação da filosofia e

⁹ Reestruturação adoptada no Exército Português pelo Conde Schauembourg Lippe, iniciada a 3 de Julho de 1762 e concluída a 20 de Setembro de 1764. O trabalho realizado pelo Conde de Lippe foi de tão elevada qualidade, que D. José I lhe terá atribuído a patente de Marechal-General do Exército Português.

¹⁰ A Guerra dos Sete Anos (1756 a 1763), entre a França e a Inglaterra, inicialmente, focalizada no âmbito Europeu, estende-se à América do Norte, onde as tropas da colónia Francesa do Canadá enfrentam as tropas das 13 colónias Inglesas. Com o término da Guerra dos Sete Anos, a França derrotada, perde o Canadá e a Índia para a Inglaterra.

¹¹ Nesta época, de acordo com vários registos, era também conhecido como Regimento de Artilharia do Porto.

¹² Estes estrangeiros contratados, reflectem a reforma operada pelo Conde de Lippe.

¹³ Notabilíssimo matemático, lente da universidade de Coimbra, cuja fama científica ultrapassou fronteiras e de quem se dizia ser «*um daqueles homens raros que nas nações cultas costumam aparecer*». As suas principais obras foram os «*Princípios Matemáticos*», impressos por fascículos em 1782, em Lisboa e o «*Ensaio sobre princípios da Mechanica*», publicado em 1807, em Londres. Como era um homem de fortes ideais, acabou sendo perseguido pela Santa Inquisição.

das ciências dos últimos dois séculos¹⁴. Como antídoto para estes males, surge uma preocupação racionalista e experimentalista sobrepondo-se aos métodos. Proíbe-se o velho hábito de estudar por sebatas e torna-se obrigatório o uso de livros. É neste contexto, que as reformas operadas por Marquês de Pombal passam também ao campo do ensino, com a publicação de leis¹⁵ que instituíam os mestres de ler e escrever, sendo promulgados novos estatutos para as universidades¹⁶.

Dominado por este ímpeto reformista, onde o saber ocupa o lugar cimeiro, Teixeira Rebelo ascende ao posto de Furriel¹⁷ quando ainda não completara 20 anos de idade. As suas extraordinárias capacidades intelectuais não passam despercebidas aos seus superiores, o que faz com que seja nomeado para colaborar na organização do seu próprio Regimento¹⁸. Como recompensa pelo trabalho que desenvolveu, é promovido ao posto de Sargento a 1 de Janeiro de 1775.

Mas António Teixeira Rebelo quer ir mais longe. São boas as informações que os comandos podem dar a seu respeito, meio caminho andado para ver satisfeita a pretensão de seguir estudos em Lisboa.

Em 1780 matriculou-se na Academia Real de Marinha¹⁹, onde esteve durante 3 anos. Obteve plena aprovação em todos os anos e foi alvo dos mais rasgados e distintos elogios, tendo recebido 2 prémios académicos. A sua aplicação foi tão notável, que lhe é conferida a honra de exercer funções docentes, ao lado de lentes como os que haviam sido seus mestres. Conclui brilhantemente o curso e é promovido a Oficial de Artilharia, arma em que, a breve trecho, é considerado uma das maiores autoridades. Entre outras honrosas comissões de serviço, o Ministro da Guerra encarrega-o de redigir os compêndios destinados aos alunos da Academia, então criada.

Em 1784, após ter concluído o curso da Academia de Marinha, é promovido a 2.º Tenente e obtém assim condições para leccionar, em qualquer escola, as matérias que compunham o curriculum do seu curso de matemática.

No ano seguinte, Teixeira Rebelo é transferido para o Regimento de Artilharia da Corte (aquartelado na praça de São Julião da Barra), onde prossegue os seus trabalhos científicos. A 25 de Setembro de 1785 é promovido a 1º Tenente de Artilharia e, três anos depois, a 9 de Agosto de 1788 ascende a Capitão.

¹⁴ Figuras como Newton e Descartes entre outras, eram completamente desconhecidas em Coimbra.

¹⁵ Publicadas em 1772.

¹⁶ Estes estatutos não eram revistos desde o tempo de D. João III.

¹⁷ Promovido a Furriel em 17 de Julho de 1768.

¹⁸ De acordo com a nova e rigorosa organização imposta pelo Conde de Lippe.

¹⁹ Esta Academia foi criada pela Rainha D. Maria, conforme refere a Carta de Lei de 5 de Agosto de 1779.

Decorridos alguns meses, em 1789, inicia-se a Revolução Francesa²⁰ e, temendo que algo de semelhante acontecesse nas restantes cortes da Europa, as Monarquias Absolutas unem-se numa Aliança²¹ para combater esta Revolução. Entretanto em Portugal, a 2 de Janeiro de 1790, é criada a Academia Real de Fortificação, Artilharia e Desenho²². Tendo este novo estabelecimento de ensino militar, necessidade de alguns livros em língua portuguesa, que servissem de suporte às matérias ali ministradas, pelo ministro da Repartição da Guerra foi pedido a Teixeira Rebelo que procedesse à adaptação para o nosso Exército do conhecido “*Tratado de Artilharia*” de John Muller²³. Apesar de bem difícil, Teixeira Rebelo encarou esta missão com grande motivação e entusiasmo.

Como resultado de 3 anos de trabalho árduo, a 17 de Janeiro de 1793 foi publicada em dois tomos contendo várias estampas, a tradução do Tratado de Artilharia, podendo quase considerar-se uma obra original, tal o elevado número de correcções e aditamentos que Teixeira Rebelo lhe introduziu. O importante trabalho científico realizado fez com que, em 1798, recebesse uma menção honrosa da recém criada Sociedade Real Marítima, Militar e Geográfica.

Entretanto, a 1 de Setembro de 1793, quando ainda servia no Regimento de Artilharia da Corte, Teixeira Rebelo é promovido a Major de Artilharia²⁴, posto a que ascendeu, tal como acontecera com os anteriores, após exames a que eram submetidos os candidatos²⁵.

Por esta altura, o Governo Português encontrava-se preocupado com os acontecimentos revolucionários que tinham a França por palco, o que o fez colocar-se ao lado das nações que se haviam coligado contra aqueles movimentos. A França, ainda tentou conseguir a neutralidade de Portugal mas, não o tendo alcançado, procurou retaliar recorrendo à Guerra de Corso²⁶ contra a navegação Portuguesa. Ameaçado por mar, Portugal procura auxílio junto dos Ingleses, seus velhos aliados, mas estes recusam tal apoio.

²⁰ A Revolução Francesa consistiu na tomada do poder pela burguesia, e consequente supressão das instituições feudais do Antigo Regime e na preparação da França para a caminhada em direcção ao capitalismo industrial.

²¹ Esta ‘*Aliança*’ incluía a Inglaterra, Países Baixos e a Áustria, ficando conhecida mais tarde como a «*Santa Aliança*».

²² Criada pela Rainha D. Maria, iria tornar-se, cerca de quarenta e sete anos mais tarde, pela mão de Marquês Sá da Bandeira, na actual Academia Militar.

²³ Este Tratado de Artilharia abordava os aspectos essenciais e fundamentais para a execução do Tiro de Artilharia. John Muller foi durante cerca de 25 anos o professor de Fortificações e Artilharia na Royal Military Academy of Woolwich.

²⁴ Nesta época, o posto de Major designava-se por ‘*Sargento-Mor*’.

²⁵ Naquele tempo, a escolha era feita através de apertados exames e provas de avaliação, usando-se a expressão: «*por oposição*».

²⁶ Esta guerra, consistia em ataques e pilhagens autorizadas por um Estado, às embarcações de um determinado País opositor. Foi até ao séc. XIX, uma forma de os Estados possuírem uma ‘*marinha de guerra*’ sem custos, concedendo o direito aos Corsários (Piratas) de se apossarem dos navios e saquearem as povoações aos seus inimigos.

O conflito afigurava-se inevitável, o que era manifestamente indesejável para Portugal, uma vez que o seu Exército se encontrava em fase de organização e dispunha de reduzido armamento e equipamento. Não obstante, foi necessário mobilizar uma Divisão para Espanha, composta por 6 Regimentos de Infantaria e por uma Brigada de Artilharia, perfazendo um total de 6000 homens. Sabedor da difícil situação em que o seu país se colocara, Teixeira Rebelo oferece-se de imediato como voluntário para integrar a Divisão Portuguesa, sendo então nomeado 2º Comandante da Brigada de Artilharia e, em acumulação, Chefe dos Parques da Artilharia. Era tarefa espinhosa e difícil, que exigia grande capacidade, dinamismo, zelo e avultados conhecimentos técnicos, para que pudesse ser garantida a eficaz manutenção do material e do equipamento a deslocar.

A 11 de Dezembro de 1793 a Artilharia Portuguesa chega à região dos Pirinéus, depois de imensas dificuldades, provações, epidemias e febres ocorridas durante a viagem.

No decorrer da Campanha que se seguiu, Teixeira Rebelo distinguiu-se pela sua bravura e enorme tenacidade sobretudo na acção de 29 de Maio de 1794, contribuindo eficazmente para a vitória alcançada na defesa da Ponte de Ceret²⁷, tendo conseguido que a sua Artilharia ocupasse posições extremamente difíceis, preservando tenazmente as bocas de fogo portuguesas apesar de as fazer avançar por caminhos que até então se julgavam inacessíveis, fazendo cobrir de glória os Artilheiros Portugueses. Apesar de vários dias de heróicos e violentos combates, porque os espanhóis tinham entretanto perdido toda a sua Artilharia, não consegue transpor a fronteira em direcção à Catalunha.

Decorridos alguns meses, a 13 de Agosto de 1794, num dos mais violentos e sangrentos combates de toda a campanha, Teixeira Rebelo conduziu de forma brilhante o apoio de fogo com a nossa Artilharia, que seria sacrificada gloriosamente para cobrir a retirada das forças empenhadas, não obstante o terreno extremamente difícil em que teve de manobrar e as adversas condições atmosféricas sob as quais teve que actuar.

²⁷ Povoação situada em França entre Reynés e Le Boulou.

Foram relevantíssimos os serviços então prestados em campanha por este oficial pois, para além de 2º Comandante da Artilharia, fora também encarregado, além dos Parques da Artilharia, do estabelecimento, regularização e administração dos hospitais e trens de campanha. Mas as dificuldades não se ficavam pelos campos de batalha. A chefia dos Parques veio trazer a Teixeira Rebelo, acrescidas preocupações à sua consciência de militar e de Português e ainda ao modo com entendia o cumprimento do seu dever. Com efeito, durante as acções de combate, o Exército Espanhol sofreu diversos desaires que foram desfalcando a sua Artilharia. Para suprimir as faltas ocorridas, os Generais Espanhóis iam recorrendo ao empréstimo de bocas de fogo portuguesas em Parque, sem que houvesse ressarcimento ou retorno do material.

Com o aproximar do fim da campanha, Teixeira Rebelo sentia que esta situação estava ferindo o seu dever e a sua responsabilidade, não só como artilheiro, mas também como Português, pois não podia admitir regressar a Portugal sem os meios que a nação lhe confiara. Decide, por isso, escrever uma carta²⁸ ao General Forbes Skelater²⁹, seu comandante superior, expondo o sucedido e dando conta do seu constrangimento. Esta sua intervenção, e a veemência com que a fez, levou as autoridades espanholas, não só a restituírem aquilo que ainda tinham em seu poder, mas também a autorizar que, sob a supervisão pessoal de Teixeira Rebelo, se procedesse na fundição de Barcelona ao fabrico de bocas de fogo inteiramente novas, bem como à construção dos reparos e palamentas em falta. E assim se fez.

Mas o 2.º Comandante da Brigada de Artilharia, no desempenho desta missão de natureza fabril, teve ensejo de ter acesso a planos de fabrico espanhóis, deles tomando as notas que julgou convenientes para, depois de por ele melhoradas, poderem ser aplicadas no fabrico de bocas de fogo portuguesas, trabalho de que deu conhecimento superior.

Terminada a Campanha do Rossilhão, Teixeira Rebelo e os demais artilheiros foram recompensados da forma como o diz o seguinte decreto Real:

“Para mostrar minha real satisfação ao benemérito corpo da minha Brigada de Artilharia, que passou à Espanha; sou servido ordenar, que os oficiais do mesmo corpo possam usar para futuro, de uma peça de artilharia bordada a prata sobre o braço direito, em sinal de distinção, e do mesmo modo os cadetes do dito corpo; os oficiais inferiores a trarão bordada a seda, e os soldados de lã branca³⁰.”

²⁸ Arquivo Histórico Militar, Lisboa, caixa nº6, da 5ª secção da 3ª divisão.

²⁹ Filho único de Patrick Forbes Skelater. Nasceu no Condado de Aberdeen na Escócia, tendo entrado para o Exército com apenas 15 anos. Foi um dos primeiros oficiais a apresentar-se como voluntário para acompanhar o Conde de Lippe na sua missão em Território Português. Mais tarde, após casar com uma portuguesa, passou a ser português e a ter direito às Honras de Cavaleiro e às Ordens Militares.

³⁰ COSTA MATOS, Coronel José Alberto in «História do Colégio Militar», 1º Vol., p.78.

Mas a guerra não decorrerá de modo favorável para Espanha, o que fez com que esta se sujeitasse à assinatura de um secreto pacto de paz com a França, o que colocava Portugal numa posição muito difícil. Se optasse por se aliar à França, criava uma guerra marítima com a Inglaterra que iria traduzir-se na perda da base económica da vida nacional que era então o Brasil; se optasse pela '*Aliança*', hostilizaria a França e arriscava-se a ver o seu território invadido por espanhóis.

A 17 de Dezembro de 1795, Teixeira Rebelo é promovido por distinção a Tenente-Coronel. Na sua nova e merecida patente, foi então nomeado Comandante do Parque da Artilharia do Exército de Observação concentrado no Alentejo em 1796 e 1797.

Mais tarde, foi encarregado de dirigir as obras de melhoramento das fortificações de Abrantes, nas quais se empenhou com o seu costumado esforço, dedicação e inteligência, despendendo mesmo do seu bolso algumas somas, para que mais depressa se realizassem as obras que julgava necessárias.

Porém, a paz que Teixeira Rebelo desejaria para poder prosseguir com os seus estudos e completar os tratados militares elaborados até então, veio a ser interrompida, dois anos depois, pela nova necessidade de preparativos para a guerra. De facto, em 1797, a Espanha e a França agora conluídas, preparavam-se para enfrentar a Inglaterra o que, implicitamente, colocava Portugal em perigo.

Previendo confrontos em território nacional, o governo pediu auxílio aos Ingleses e tentou paralelamente manter uma posição de neutralidade face ao conflito, através da assinatura de um Tratado de Paz e Amizade com França. Mas, prevenindo-se do pior, o Governo decidiu reforçar todas as suas defesas terrestres e marítimas. Estava-se em 1799, e Teixeira Rebelo volta a ser um daqueles a quem se recorre em situações difíceis. Desta vez era o escolhido para elaborar o plano de defesa da entrada no porto de Lisboa, desde a Fortaleza de Cascais até ao Cabo da Roca.

No cumprimento desta missão, Teixeira Rebelo vai mais longe. Realiza em simultâneo, completos e minuciosos reconhecimentos da costa e dos terrenos adjacentes, de que resultaram plantas topográficas pormenorizadas, complementando os bem elaborados planos de defesa contra desembarques inimigos.

Já na segunda metade do ano de 1800, quando os ingleses deixam o nosso território, Portugal vê-se entregue a si próprio, sob a ameaça incessante de franceses e espanhóis. É neste contexto que Teixeira Rebelo, então já graduado em Coronel, é mais uma vez chamado para organizar os parques de Artilharia do Alentejo e da Beira, sendo nomeado Comandante dos

Parques do Exército do Sul, «*de Entre Douro e Guadiana*», ao qual cabia defender o País de uma eventual invasão espanhola.

Em 29 de Janeiro de 1801, a Espanha lança um ultimato a Portugal, para que abandone a sua ‘*Aliança*’ com os Ingleses e, cerca de um mês depois, a 27 de Fevereiro, declara guerra a Portugal. Em Maio desse ano, o Exército Espanhol sob comando do General Godoy³¹ invade o Território Nacional.

Durante o desenrolar da campanha foi decretado que o Regimento de Artilharia da Corte passasse a ter duas “*Companhias de Artilheiros-Cavaleiros*” que viriam a tornar-se no precursor da Artilharia Montada, ramo artilheiro até então desconhecido no nosso país. E, talvez por isso mesmo, Teixeira Rebelo volta a ser o escolhido para organizar e instruir estas Companhias e criar o respectivo depósito geral.

A guerra com Espanha foi curta³². Em alguns dias apenas, foi negociado um acordo de paz e o povo nem levou muito a sério o conflito.

Por esta altura a rainha D. Maria enlouquece e é o Infante D. João³³, seu filho, quem se torna o Príncipe Regente. Renovam-se então os esforços diplomáticos para manter a nossa neutralidade e tentar chegar à paz a qualquer preço³⁴. Isso viria a ser conseguido, mas à custa da entrega da cidade de Olivença e do pagamento à França de uma indemnização de vinte e cinco milhões de francos, juntamente com a cedência de algumas terras no norte do Brasil.

A 13 de Fevereiro de 1802 fez-se história no Regimento de Artilharia da Corte³⁵ pois, pela primeira vez desde a sua formação, foi chamado um Português ao seu comando: Teixeira Rebelo, que ascendera a Coronel efectivo em Maio desse ano³⁶.

O novo Comandante preocupa-se, desde logo, com a adequada formação dos seus quadros, até então bastante precária, não obstante as reformas aplicadas pelo Conde de Lippe, que deixara em Portugal a ideia da necessidade do saber. Porém, a criação da Academia de Fortificação de Artilharia e Desenho e da Academia Real de Marinha fez com que os oficiais que pretendessem progredir na carreira preferissem frequentar aquelas Academias, em vez das

³¹ Filho de um Coronel do Exército, pertencia a uma pobre mas antiga família da Estremadura Espanhola. Ascendeu ao posto de Marechal de Campo.

³² Esta guerra, viria a ser conhecida com a «*guerra das laranjas*», devido ao facto de Godoy, o homem forte da política espanhola, ter colhido junto das muralhas de Elvas, uns ramos carregados de laranjas tendo-as enviado à rainha de Espanha como glorioso troféu de guerra.

³³ Quando a rainha morreu, passa usar o título de D. João VI.

³⁴ Os esforços diplomáticos vinham decorrendo desde o ano de 1795.

³⁵ Desde 1762 que havia sido formado.

³⁶ Um caso praticamente único no Exército Português da altura, para um Oficial que não pertencia à Aristocracia, nem à Corte.

Aulas Regimentais, pois naquelas não estavam sujeitos às exigências do serviço diário da unidade.

Teixeira Rebelo, consciente desta realidade, formula ao Governo dois pedidos: o primeiro, que fosse nomeado um lente capaz de explicar as matérias ministradas nas Academias; o segundo, que autorizasse os alunos do Regimento a serem submetidos a exames³⁷. O ministro dos Negócios Estrangeiros, da Guerra e da Marinha³⁸, que tinha o Coronel Teixeira Rebelo na mais elevada consideração, aceitou satisfazer os seus pedidos. Os alunos da sua unidade obtiveram então tão bons resultados, que reconquistaram para o Regimento da Corte a excelente reputação que haviam adquirido as aulas nele ministradas.

Motivado pelo constante sucesso dos seus alunos, o Comandante decide levar mais longe a sua ânsia de ensinar. Com a sua vontade inquebrantável, pretendia ele que o estudo se estendesse aos rapazes órfãos, sem posses e filhos de militares portugueses destacados. E pessoal para os ensinar? Isso não seria problema, pois Teixeira Rebelo sabia que no seu Regimento tinha militares com capacidades e conhecimentos bastantes para o fazer.

Este anseio do Coronel Comandante coincide com um conjunto de contingências que lhe são extremamente favoráveis, pois fora constituído um Conselho Militar para estabelecer as bases da reorganização do Exército, o qual era presidido pelo Ministro Mello e Castro, nele tendo assento, entre outros, o Tenente General Forbes Skelater e o Coronel Miguel Pereira Forjaz, que haviam tomado parte na Campanha no Rossilhão e que bem conheciam o agora Comandante do Regimento de S.Julião. No Conselho, o General Forbes, apoiado pelo Marechal Marquês de Viomini³⁹ abordou a necessidade da criação de um colégio de formação militar preparatória para jovens que se destinassem ao serviço militar, ideia essa que veio a vigar.

O Ministro decidiu então que tal colégio fosse estabelecido em instalações ao dispor do Regimento de Artilharia da Corte, pois ali comandava um seu conhecido e distinto Coronel de Artilharia que, chamado à sua presença, agarrou de imediato a ideia, aceitando o desafio de criar um colégio como o pretendido, com todo o entusiasmo e determinação.

Assim surge, no anexo da Feitoria, a nascente de S. Julião, a mais emblemática obra de Teixeira Rebelo: o Colégio da Feitoria, actualmente instalado na Luz com a designação de Colégio Militar.

³⁷ COSTA MATOS, Coronel José Alberto in «História do Colégio Militar», 1º Vol., p.82.

³⁸ O ministro dos Negócios Estrangeiros, da Guerra e da Marinha na altura era D. João de Almeida de Mello e Castro.

³⁹ Marechal Francês que chegou inclusivamente a sugerir que tal colégio deveria iniciar a preparação militar com crianças a partir dos 10 anos.

Porém, as dificuldades para conseguir lentes eram muitas. Mas Teixeira Rebelo, que era o exemplo vivo de quanto pode a tenacidade e a perseverança, não desistia facilmente, podendo afirmar-se, sem dúvida, que o Colégio nasceu por força da sua inquebrantável vontade e da capacidade que possuía para motivar os seus subordinados. É assim que, oficiais e sargentos do Regimento, num belo espírito de colaboração com o seu Comandante, decidem tomar a seu cargo as funções docentes, fazendo-o sem remuneração alguma. Um gesto colectivo de excepcional mérito e de raro sentido do dever que importa salientar, e que veio a ser fundamental para a concretização da obra sonhada por Teixeira Rebelo. O entusiasmo com que todos se entregaram às respectivas tarefas, pode avaliar-se pelo prestígio de que rapidamente se aureolou o novo Colégio⁴⁰.

Mas os trabalhos cometidos a Teixeira Rebelo não se ficaram pelo Comando do Regimento e pela Direcção do seu Colégio. Com efeito, em 1803 foi nomeado para elaborar a “*Instrução Geral ou Escola do Serviço Braçal da Arma de Artilharia*”, que padronizava com todo o pormenor, a instrução e a manobra das peças de qualquer tipo e calibre, sendo ainda designado para a Comissão de Revisão do Código Penal Militar.

Em 1804 foi novamente escolhido, desta vez para dar parecer sobre a nossa pólvora e sobre o alcance das peças, bem como para avaliar a resistência de construção de novos modelos de reparos e de bocas de fogo. Ainda no mesmo ano, é nomeado membro da Sociedade Real Marítima.

Portugal vivia então uma época extremamente conturbada. Em 1806, Napoleão decidira impor um bloqueio à Inglaterra, pois dominava já toda a Europa continental, tendo pressionado Portugal para que encerrasse os seus portos aos navios ingleses. Mas Portugal, tentando manter a sua neutralidade, informou que não o faria.

Em 25 de Fevereiro do ano seguinte, Teixeira Rebelo deixa o Comando do Regimento sendo promovido a Brigadeiro. A coroa decidira nomear “...*Brigadeiro e Inspector dos Corpos de Artilharia, conservando a Directoria do Colégio Militar estabelecido na Feitoria, António Teixeira Rebelo*”⁴¹.

Decorridos oito meses, Napoleão ordena a invasão de Portugal pelo Exército de Junot⁴². O Príncipe Regente e Rainha, juntamente com toda a família e a corte, embarcam para o Brasil. Antes de partir, o Príncipe recomenda que o Exército Francês fosse recebido em boa paz.

⁴⁰ Tal prestígio, levou a que em 1806, o Príncipe Regente D. João aumentasse a pensão para estudos aos alunos, e criasse a uma gratificação destinada aos professores.

⁴¹ GAZETA DE LISBOA, n.º IX, 2.º suplemento, de 27 de Março de 1807.

⁴² General e antigo Embaixador da França em Portugal. Era tido como um homem da confiança de Napoleão.

Uma vez instalado em Lisboa, Junot anuncia uma nova era de liberdade e de progresso. Mas tal presença não demoraria muito tempo, pois após sucessivos combates e derrotas infligidas aos franceses pelo Exército Anglo-Luso⁴³, é possível expulsá-los da capital em Setembro de 1808.

O começo de 1809 trás nova invasão napoleónica, comandada desta vez pelo General Soult. Porém, em pouco tempo, a Espanha outrora aliada da França, passa a inimiga implacável de Napoleão. Em Portugal, ocorrem levantamentos em Bragança que depois se alastram a todo o país, apesar de fortemente reprimidos pelo temido General Loison⁴⁴. Aproveitando estes movimentos, forças inglesas desembarcam em Portugal e, apoiados pela insurreição, acabam por expulsar os invasores.

Entretanto, o Governo Português contrata o austero e inflexível Major General William Carr Beresford⁴⁵ para Comandar o Exército nacional. Porém, a constituição da Legião Portuguesa⁴⁶ criada por Junot com o que de melhor havia no nosso Exército para servir Napoleão, faz com que William Beresford encontre o nosso Exército num deplorável estado de desorganização. Nestas circunstâncias, Beresford resolve confiar os principais Comandos a oficiais britânicos. Apenas os Comandantes dos Regimentos de Artilharia e os Inspectores de Engenharia e Artilharia se mantiveram confiados a Portugueses. Entre esses Portugueses encontrava-se, naturalmente, o Brigadeiro Teixeira Rebelo.

Mas, tal como aconteceu a muitos outros, também Teixeira Rebelo foi vítima da injustiça de Beresford que, prepotentemente decide retirá-lo das funções de Inspector e Comandante da Artilharia. Como entendia que a sua honra se mantinha imaculada, decide escrever uma carta de descontentamento a Sua Alteza Real, na qual lhe expõe o sucedido⁴⁷.

Porém, como mantinha a responsabilidade de dirigir o Colégio Militar, Teixeira Rebelo recolhe com dignidade à sua residência dedicando-se então, a tempo inteiro ao colégio que fundara. Aí vai cuidando de melhorar a qualidade do ensino e procura melhores e mais adequadas instalações para um efectivo docente que aumentava de dia para dia.

⁴³ Comandado por Wellesley, o futuro Duque de Wellington, que com tropas Inglesas ocorrera em auxílio do aliado Português.

⁴⁴ A quem chamavam «o maneta» por não ter um braço. A repressão que operou foi de tal forma, que ficou registada na linguagem popular a expressão: «*ir para o maneta*», que significa morrer.

⁴⁵ Segundo descrições da sua fisionomia – MARTINS, General Ferreira, in «História do Exército Português» (p.234), Beresford apresentava uma expressão dura, acentuada pela imobilidade de um dos seus olhos, cuja pupila era coberta de um véu branco e opaco, que correspondia à rigidez do seu carácter inflexível.

⁴⁶ Dando cumprimento às ordens de Napoleão, Junot cria a Legião Portuguesa e decreta que os Regimentos de Infantaria e de Cavalaria Portuguesa passariam a ser organizados segundo o modelo Francês. Apenas a Artilharia e a Engenharia continuariam segundo organização Portuguesa. Esta Força, Comandada por Marquês de Alorna combateu heroicamente ao serviço de Napoleão, tendo sofrido avultadas baixas.

⁴⁷ Arquivo Histórico Militar, Lisboa, caixa nº6 da 5ª secção da 3ª divisão.

Ainda com as tropas napoleónicas em solo pátrio, Teixeira Rebelo pode orgulhar-se dos seus ex-alunos que, já oficiais integrados nas fileiras do Exército, têm desempenhos em combate deveras excepcionais.

Os Franceses, que combatiam agora simultaneamente em Portugal e em Espanha, vêem a sua situação agravada de tal forma, que Napoleão vem pessoalmente dirigir a guerra na Península Ibérica. Em 1810 dá-se a 3ª Invasão Francesa ao nosso território. Mas, esbarrado na resistência oferecida pelas linhas fortificadas de Torres Vedras, o Exército invasor vê-se obrigado a retirar em Abril de 1811, perseguido pelo Exército Aliado.

A guerra durara sete longos anos, deixando atrás de si as marcas de uma violência extrema⁴⁸.

Terminado o perigo, em 1815, o Brasil é elevado à categoria de Reino. Na metrópole, o Governo estava então confiado a uma Junta de Governadores, mas a desagregação geral caracterizava o Estado, que tinha no Exército a sua única força. Mas o Comando dessa força encontrava-se nas mãos de oficiais Ingleses. As relações entre o poder civil e o poder militar eram más e, não menos más, eram as relações entre os oficiais Portugueses e Ingleses.

Em 1817 o General Beresford apercebe-se de uma conspiração envolvendo oficiais Portugueses, e ordena o enforcamento de todos os implicados, entre os quais, se contava o prestigiado General Gomes Freire de Andrade⁴⁹.

A opinião pública começa a questionar os exacerbados e incontáveis poderes exercidos por Beresford e em breve surge um movimento contra o domínio inglês, ao qual não são alheios os ideais liberais e maçónicos.

Em 1820 a crise estende-se a todos os sectores da vida nacional, tendo como pano de fundo a ideia de que Monarquia Absoluta era sinónimo de regime opressivo. Não admira, por isso que, em 24 de Agosto 1820 no Porto e, mais tarde, a 15 de Setembro em Lisboa, triunfe a Revolução Liberal. Beresford, que fora para o Brasil pedir a D. João VI ainda mais amplos poderes, é impedido pelos liberais de entrar em Portugal⁵⁰, sendo-lhe imposto que regresse de imediato ao seu país.

Em 1821, reúnem as Cortes Gerais, eleitas por sufrágio indirecto, e é constituído um Governo de Regência⁵¹ ao qual competia exercer o poder executivo em nome do Rei D. João

⁴⁸ Estima-se que o número de baixas em combates, tenha ultrapassado os cem mil mortos.

⁴⁹ É filho de António Freire de Andrade, antigo embaixador de Portugal em Viena. Chegou a servir no Exército Russo, tendo chegado a Portugal já Coronel. Dadas as suas extraordinárias capacidades, rapidamente ascende na hierarquia militar. Integrou a Legião Portuguesa, tendo chegado a ser 2º Comandante do Exército Português.

⁵⁰ Em 10 de Outubro de 1820.

⁵¹ Este Governo de Regência entrou em funções a 1 de Fevereiro de 1821.

VI⁵². Para a constituição desse Governo, os liberais recorrem ao homem que sempre fora exemplo de total entrega ao serviço do seu País: Teixeira Rebelo, que é escolhido para o importante cargo de Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Guerra⁵³, sendo promovido a Marechal de Campo.

Teixeira Rebelo desempenha de forma brilhante as suas novas funções, mas, quer a sua avançada idade, quer o amor que tinha pelo ensino e pelo Colégio a que dera vida, decide solicitar a Sua Majestade o Rei D. João VI⁵⁴ a demissão do cargo político que detinha⁵⁵ para poder regressar à sua residência na Luz, onde se encontrava instalado o agora Real Colégio Militar. O monarca, que bem conhecia o merecimento do seu Ministro, satisfaz-lhe os seus desejos, fazendo também questão de demonstrar publicamente o seu reconhecimento. E concede a Teixeira Rebelo o título de Comendador da Ordem Militar de S. Bento de Avis⁵⁶.

Teixeira Rebelo regressa assim ao Colégio da Luz, onde todos se regozijam de alegria. Porém, apesar da sua extraordinária abnegação e da sua invulgar dedicação à melhoria das condições de aprendizagem e formação moral, cívica e militar dos seus alunos, pouco a pouco a velhice foi tomando conta de si. Aos 74 anos, Teixeira Rebelo preside pela última vez a uma sessão da Congregação dos Lentes e Professores colegiais.

O ano de 1825, foi como que um lento apagar da chama quente e brilhante que impulsionava a sua vida e aureolava a sua obra⁵⁷. A doença, que arrastadamente o consome, faz com que Teixeira Rebelo peça para lhe redigirem o seu testamento e, em 7 de Setembro, a seu pedido, são-lhe ministrados os sacramentos.

No dia 5 de Outubro desse ano realiza-se no Colégio a abertura do novo ano lectivo. As cerimónias são no entanto ensombradas pelo estado de saúde do seu «bondoso»⁵⁸ director. Com o cair da tarde, caíram também as esperanças de manter vivo por muito mais tempo o Marechal Teixeira Rebelo. Naquela noite, a agonia espalhava-se pelos alunos, entristecendo-lhes as faces e humedecendo-lhes os olhos, receando a perda do seu amado director, que se haviam habituado a acarinhar e respeitar, como se de um pai se tratasse⁵⁹.

⁵² Por esta altura ainda se encontrava no Brasil.

⁵³ Teixeira Rebelo tem nesta data 71 anos de idade.

⁵⁴ Nesta altura já havia regressado a Lisboa (4 de Julho de 1821).

⁵⁵ A Secretaria de Estado dos Negócios da Guerra foi separada desde finais de 1820, da Secretaria dos Negócios Estrangeiros. Teixeira Rebelo ocupou este cargo desde 1 de Fevereiro de 1821 até 8 de Setembro do mesmo ano.

⁵⁶ Atribuída a 11 de Setembro de 1821 e publicado em decreto, onde se lê: «*E querendo dar-lhe testemunho do apreço em que tenho os seus conhecimentos militares e os seus longos serviços. Hei por bem fazer-lhe mercê de uma Comenda da Ordem Militar de S. Bento de Avis, conservando-lhe as honras de Ministro e Secretário de Estado de que actualmente goza*». COSTA MATOS, Coronel José Alberto in «História do Colégio Militar», 1º Vol., p.89.

⁵⁷ COSTA MATOS, Coronel José Alberto in «História do Colégio Militar», 1º Vol., p.91.

⁵⁸ O qualificativo «bondoso» era aquele por que conhecido no Colégio: «*O bondoso Marechal Teixeira*».

⁵⁹ COSTA MATOS, Coronel José Alberto in «História do Colégio Militar», 1º Vol., p.91.

Na madrugada⁶⁰ do dia 6 de Outubro de 1825, o Marechal Teixeira Rebelo sucumbia aos seus padecimentos, junto dos seus alunos, precisamente no seio da Instituição que, 22 anos antes, fizera surgir na Feitoria, por impulso do seu ânimo generoso.

O silêncio de um luto profundo invade o Colégio e a consternação é geral. Não somente entre os seus Alunos e Lentes, mas também em todas as mais diversas áreas da sociedade onde Teixeira Rebelo era admirado.

Por indicação de Sua Alteza Real, o ministro dos Negócios da Guerra edita um ofício onde refere: «... não deixará de reclamar de V. Ex.^a por esta ocasião, o cortejo militar digno dos serviços e da memória deste official general⁶¹». Porém, não era essa a vontade de Teixeira Rebelo, quando refere no seu testamento: «... Quero que o meu funeral seja sem pompa, mas sim decente, de uma despesa moderada». ⁶² Os seus restos mortais encontram-se sepultados na cripta subterrânea, sem acesso, da Igreja do Corpo Santo, em Lisboa, onde todos os anos, por ocasião das comemorações do aniversário da Associação dos Antigos Alunos é rezada uma missa em seu sufrágio.

Em sua memória, pouco depois da sua morte, o Colégio Militar colocou numa das suas salas o retrato a óleo do seu Fundador. Nessa cerimónia solene foi lido um Artigo Necrológico⁶³, mais tarde impresso, no qual se encontra escrito: «A memória do Sr. António Teixeira Rebelo justamente será duradoura no Real Colégio Militar como a memória do homem a quem ele deve os princípios da sua existência; e o monumento simples que ali hoje se lhe erige é um tributo devido ao seu reconhecimento e não um estímulo necessário à sua lembrança.»

Assim culminara a vida de um homem extraordinário, não só para a sua época, mas para todas as vindouras. Sereno foi, por certo, o pensamento dessa heróica figura de lutador, vontade férrea sempre posta ao serviço da Pátria, à qual, por altos desígnios de Deus, legava, no momento em que o seu nome ia entrar na imortalidade, uma obra cuja grandeza espiritual era a mais firme garantia de perpetuidade. Para manter viva a memória deste homem extraordinário, permanecerão mais do que momentos, os inegáveis factos históricos que o enaltecem como homem, militar e pedagogo.

⁶⁰ «Artigo Necrológico» manuscrito, da autoria de Cândido José Xavier, existente no Arquivo Nacional com a referência R.M.M.2 24210, onde refere que faleceu pelas 5 horas da manhã.

⁶¹ Extracto de um ofício datado de 6 de Outubro, de Cândido José Xavier para o Ministro Conde de Barbacena Francisco.

⁶² Extracto do Testamento de Teixeira Rebelo, assinado em 7 de Janeiro de 1825 e redigido pelo tabelião Pedro de Sepúlveda Quintal Pereira.

⁶³ Arquivo Histórico Militar, Lisboa, caixa nº6 da 5ª secção da 3ª divisão.

Apesar de não existirem relatos escritos da sua personalidade⁶⁴, afigura-se dizer que Teixeira Rebelo seria um indivíduo reservado e que procurava os seus momentos de reflexão para estudo e planeamento. Procurava também afastar-se um pouco das áreas relacionadas com a política e com as obrigações de carácter social, já que entendia que o zelo, o trabalho e a honra, seriam os padrões, pelos quais se deveria medir e dar valor a cada homem.

A sua dedicação permanente ao saber, ao ensino e à formação de futuros oficiais, é sem dúvida a marca caracterizadora de Teixeira Rebelo, bem patentes no seu exemplo de vida.

Cultivou as virtudes da honra, do dever, da lealdade, da disciplina, do altruísmo, da humildade e do sentido do dever. Resignado na adversidade, adverso a conflitos e paciente a incompreensões e injustiças, soube sempre ser generoso para com todos aqueles que precisavam de auxílio. Discreto e humilde nos seus êxitos e extraordinariamente determinado no cumprimento da sua missão, orgulhoso e respeitador da sua Pátria, da sua condição de Militar e de Português.

A vida de acção que se nos impõe como militares, obriga-nos a tornar a vida do glorioso Marechal como um símbolo. Esta será, sem dúvida, a mais significativa e profunda homenagem que todos os militares em geral e os alunos de Instituições de Ensino Militar em particular, poderão prestar à memória de tão grande Homem e tão ilustríssimo Militar.

⁶⁴ COSTA MATOS, Coronel José Alberto in «História do Colégio Militar», 1º Vol., p.94.

EXORTAÇÃO

Cadetes do Curso Marechal de Campo António Teixeira Rebelo (2007/2008):

A breve resenha histórica de tão ilustre figura revela-nos a grandeza de um homem cuja vida é um exemplo continuado de virtudes cívicas e militares.

Como lente e professor, sempre soube motivar de forma inequívoca os seus formandos, procurando sempre pautar a sua conduta pelo exemplo, bem patente no inestimável legado deixado em especial à Academia e ao Colégio Militar, as quais continuam, como era seu desejo e empenho, a formar jovens que se têm tornado militares e cidadãos que têm sabido servir com empenho e dignidade o seu País, adquirindo muitos deles, em Portugal e mesmo além fronteiras, assinalável prestígio, não só no âmbito militar, mas também nos domínios da cultura, da ciência, das artes e da prática política.

Não será por certo exagerado acreditar que a vincada personalidade, o excepcional mérito, a rara dedicação, o elevado sentido do dever e da honra e a invulgar determinação de Teixeira Rebelo ficarão para sempre gravados no vosso espírito. No seu exemplo encontrareis sempre uma inesgotável fonte de motivação, de perseverança, de querer e de vontade de vencer.

Cadetes do Curso Marechal de Campo António Teixeira Rebelo, permiti-me que traga aos nossos dias e à nossa condição militar, algumas palavras deixadas no testamento do vosso Patrono, que tão bem traduzem o sentimento com que serviu o seu País: *«Todos os meus serviços foram feitos à Coroa, tanto militares, como civis, dos quais ainda não pedi ou obtive recompensa alguma»*. Com esta herança, Teixeira Rebelo deixa-nos a expressão da sua vontade em transmitir às gerações que lhe sucedessem, que deveriam **SERVIR SEM ESPERAR RECOMPENSA!**

Cadetes do Curso Marechal de Campo António Teixeira Rebelo, procurai sempre dignificar o legado do Vosso Patrono e, nos momentos difíceis da vossa carreira militar, recordai o seu exemplo. Nele encontrareis o caminho a seguir para triunfar com dignidade, com honra e com amor à Pátria.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTES MANUSCRITAS

- *Arquivo Histórico Militar, Lisboa, Processo Individual: caixa nº6 da 5ª secção da 3ª divisão.*

FONTES IMPRESSAS

- AAVV, *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Volume XXXI, Editorial Enciclopédia, Limitada, Lisboa, Rio de Janeiro, 1945;
- AAVV, *O Grande Livro dos Portugueses*, Edição do Círculo de Leitores, Lisboa, 1991;
- Academia Militar, *50 Anos de Patronos da Escola do Exército e da Academia Militar*, Lisboa, 2004;
- CAIXARIA, Coronel de Eng.^a Eduardo, *O Real Archivo Militar*, cronologia histórica e documental 1802-1821, Direcção de Infra-estruturas do Gabinete de Estudos Arqueológicos de Engenharia Militar;
- COSTA MATOS, Coronel José Alberto, *História do Colégio Militar*, 1º Vol.
- MARTINS, General Ferreira, *As Virtudes Militares na Tradição Histórica de Portugal*, 2ª Edição, Liga dos Combatentes, Lisboa, 1954;
- MARTINS, General Ferreira, *Figuras e Factos da Colonização Portuguesa*, Editorial Inquérito Lda., Lisboa, 1942;
- MARTINS, General Ferreira, *História do Exército Português*, Editorial Inquérito Lda., Lisboa, 1945;
- OLIVEIRA, Tenente-Coronel de Art^a Luis Manuel Garcia de, *As Grandes Reorganizações do Exército Português – lições aprendidas*, TILD do CEM 02/04;
- PORTUGAL, Dicionário Histórico, Coreográfico, Heráldico, Biográfico, Bibliográfico, Numismático e Artístico, Vol. VIII;
- SARAIVA, José Hermano, *História concisa de Portugal*, Publicações Europa-América.

REVISTAS E PERIÓDICOS

- *Jornal do Exército*, Ano XLIV, nº 516 de Março de 2003;
- *Revista da Associação dos Antigos alunos do Colégio Militar*, nº comemorativo 1978-Nº 50;
- *Revista de Artilharia*, nº 85 de 1932- Ano XXIX – 2ª Série;
- Sítio da Internet onde se faz referência ao tempo das Guerras Napoleónicas:
http://www.napolen-series.org/military/warof1812/2006/issue1/c_arty2.html (2 de Outubro de 2007);
- Sítio da Internet Portugal Dicionário Histórico:
<http://www.arqnet.pt/dicionario/borgescarneirom.html> (2 de Outubro de 2007).